NarraSUAS

Narrativas de experiências no campo da Assistência Social

Volume 1

BRUNO OLIVEIRA MAIA

Produto técnico da dissertação Espaços-tempo Intersticiais: Formação, Supervisão e Trabalho do Psicólogo no SUAS

NarraSUAS:

Narrativas de experiências no campo da Assistência Social

Volume 1

Produto técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista para obtenção do título de Mestre Profissional em Ciências da Saúde.

Orientação: Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Henz

Sumário

APRESENTAÇÃO 1
POUCAS PALAVRAS.....2
MEIAS PALAVRAS.....6
Detalhes 6
Casas e plantas.....7
Fé 7
Cachorro.....8
PVJ 9
Clorofila 10
Desfiles.....10
Arruaceiros 12
Turista.....13
Namorada.....14
GRANDES PALAVRAS 15
Lançar-se.....15
Bolo na garganta 17
Abraço 19
Caminhadas Acolhedoras 20
SEM PALAVRAS 34

APRESENTAÇÃO

Considerando que a organização do Trabalho no Sistema Único de Assistência Social – SUAS não é uma mera questão instrumental e técnica, mas de construção de novos pactos, contratos e compromissos que ampliem os espaços de atuação, compartilhamento de saberes e, sobretudo, da qualidade do atendimento prestado à população, se faz necessário ampliar a discussão sobre as práticas e modos de operar dessa política nos cotidianos dos serviços, a partir de relatos vivos das experiências colhidas das mais variadas fontes.

Cabe um aviso sobre cada uma das palavras que o leitor encontrará nessas páginas.

Em ***Poucas Palavras***, grandes frases, pequenos trechos, alguns recortes de um quebra-cabeças vivo e incompleto.

Através de ***Meias Palavras***, contamos pequenas histórias com grandes personagens dessa trajetória em trechos de no máximo uma página.

Grandes palavras tentam expressar o que não coube até então, como frutos que vão maturando de leitura antes de serem colhidos.

Por fim, retratos colhidos ***sem palavras***.

POUCAS PALAVRAS

Você não pode deixar as pessoas à toa. Aqui é tudo muito confuso, tudo embaralhado. Em outras seções é tudo bem definido, aqui não. Aqui é essa confusão toda.

***

Trabalho sem continuidade é difícil, porque daí você vira um profissional-*bombeiro*. Uma coisa é trabalho sem resultado - que pode acontecer mesmo, é o risco -, outra é não ter continuidade. Se não tem continuidade, não tem nem a chance de acertar ou de errar.

***

O **território** mesmo, com as pessoas nele, ele se cuida sozinho.

***

Na teoria, a gente fala tanto de fazer clínica pela borda, pela lacuna, pelo limite. E é por isso que eu amo a favela. A favela é a borda, aqui é o limite, em todos os sentidos. Na favela é rede, as pessoas se conhecem, tem rede, e são esses mesmos limites que se abrem. Trabalhar com tudo isso... é promover travessias nesses espaços, trabalhar com os limites do território e das pessoas. É disso que eu gosto. É travessia.

No Rádio Clube, ainda que sozinhos, nunca estamos sós: estão conosco também os olhares, os sorrisos e as conversas que se iniciam ou cessam com nossa presença. Somos estranhos, logo, somos acompanhados.

***

As casas que pudemos visitar têm muito em comum com as vidas que as habitam. Sobrevivem em solo alagadiço, de estrutura duvidosa, com paredes e chão vulneráveis a todo tipo de intempéries: são estruturas com brechas, buracos, mofo e em decomposição pelo vento forte, pelo sol intenso, pela chuva torrencial e pelo fogo que também arrisca aproximação. São casas de estabilidade comprometida pelo clima e pelo homem e que, ainda assim, são cenário da história de famílias, da construção e fortalecimento de amizades, do desenho e da realização de redes.

Não tem função específica para cada um cumprir, só os técnicos que tem um papel mais ou menos certo. De resto, um cobre a função do outro. O administrativo faz recepção, cadastrador faz administrador, recepção faz cadastro. Todos fazem tudo. É difícil, às vezes dá vontade de trabalhar cada um no seu quadrado... mas também essa confusão é boa. É bom quando o santo bate, sabe? Daí você aprende o jeito de trabalhar do outro, e isso deixa o embaralhamento menos confuso.

***

Os melhores momentos são quando a gente tá assim *ó*, tudo junto...

MEIAS PALAVRAS

Detalhes

Fui chamada para acompanhar um caso na sala do Técnico. Mãe e filha, que traziam uma primeira queixa sobre a água que tem entrado com freqüência no barraco. O Técnico prontamente já disse que elas deveriam entrar em contato com a COHAB, passar a escritura do barraco para o nome da mãe da família (isto ainda não foi feito) e procedendo isso, elas voltariam a procurá-lo para dar entrada na Defesa Civil e conseguir uma reforma no barraco. A conversa de início foi bastante “concreta”, no sentido de resolver esse tipo de questão. Perguntaram também sobre os cursos disponíveis e se era possível aumentar o valor do Bolsa Família e colocar a menina no Ação Jovem, pra receber R$80,00.

O Técnico fez as contas e viu que o Bolsa Família estava certo. Cadastrou a menina no Ação Jovem, acreditando que isso poderia gerar coisas interessantes e possibilidades outras para ela. A filha parecia tímida ali na sala, mas esboçava alguns sorrisos envergonhados, quase que não olhava para nós.

Percebi uma sede que se repetia, pessoas que queria ocupações! Cursos de línguas, informática, capacitações para obtenção de renda.

O dito papel do psicólogo fica completamente deslocado quando se pensa nas referências do que é ou não uma prática “psi”. Durante o atendimento elas achavam que eu e supervisor éramos assistentes sociais. As questões que chegam, em geral, vem de problemas concretos como dinheiro, casa. A conversa sobre os sonhos, os desejos, os choros, as relações familiares,

a violência, acabam também chegando aos nossos olhos em um atendimento desses. Mas parece ser o pano de fundo, detalhes.

Pensei que era preciso estar atenta aos detalhes.

Casas e plantas

Nos chamou atenção o cuidado das casas, muitas delas tinham vasinhos de plantas na frente, pareciam bem cuidadas. As plantas davam mais vida por entre o chão seco daquele árido dia de Sol, árvores que surgiam nos canteiros e frutificavam sombras. No alto da casa, uma árvore se destacava, com uma estrela azul acima dela, via-se os pisca-piscas em sua volta: era clima de Natal.

Fé

O povo das palafitas tem uma fé quase inabalável. Apesar de perderem vez ou outra as suas casas e todos os seus pertences, apesar de ficarem na linha de fogo entre facções criminosas (usem uniforme ou não), apesar de penarem para conseguir emprego, essas pessoas seguem. Algumas carrancudas, outras com sorrisos permanentes nos rostos. Seguem os passos de Jesus: carregam cruzes de madeira nas costas pra lá e pra cá enquanto (re)constroem seus barracos, andam sobre as águas com o auxílio de pontes toscas de madeira. Fazem verdadeiros milagres no dia-a-dia, como dividir a comida de um por cinco ou mais filhos.

Cachorro

Ouço um ruído próximo e me viro para olhar o que era. Um vira-lata vasculhava sacolas de lixo que estavam no chão, atrás de comida. Encontrou um osso de frango, que mastigou até quebrá-lo. Pensei em intervir: sabia que ossos de frango não devem ser dados aos cachorros? Eles podem ferir as entranhas do bicho. Mas vá lá, o animal devia estar com fome. Encontrou mais dois ou três ossos que também quebrou com os dentes e engoliu. A esta altura, cheguei à conclusão de que o risco do vira-lata machucar seu estômago, o que, imagino, seria feio, não era mais importante que a fome. E o bicho parecia faminto, continuou a busca e encontrou um pedaço de pizza.

Enquanto revirava as sacolas de lixo, espalhava embalagens de plástico e de isopor que eram arrastadas pelo vento abafado do lugar que mais parecia um enclave de realidade alternativa no território caiçara, tão familiar para mim. As embalagens libertadas pelo focinho do bicho atravessaram a rua e sumiram de vista. O vira-lata me viu observando sua refeição, com seus olhos brilhantes e comoventes. Começou a vir em minha direção lentamente, o olhar subalterno e tocante. Parou perto, olhou para a avenida, parecia que pensava no que fazer agora. Virou-se novamente para mim.

— Olha, com licença, posso falar com você, na moral? Não sou bandido, não vou roubar você. Mas eu tenho fome, cara. Ali na Nossa Senhora de Fátima tem um Bom Prato, tem como você me ajudar?

E eu que não falo língua de cachorro, senti algo estranho enquanto o cão me fitava e latia coisas que nunca saberei. Vai entender.

PVJ

— Você não vai entrar?

— Fui expulsa do PVJ.

— E o que tem isso?

— Não posso mais fazer atividade.

— Quem falou? Até onde eu sei o PVJ é o programa de bolsa. Nem todo mundo que frequenta o CEJUV recebe.

— É verdade. Então posso voltar pro Teatro?

— Você quer voltar pro Teatro?

— Vai ter o Auto de Natal, eu tinha um monte de falas, claro que eu quero.

— E é só pro teatro que você quer voltar?

— Não, tem a galera também e o lanche, mas quero voltar mais pela galera.

Clorofila

Em uma das salas pelas quais o corredor permeia, uma planta se encontrava ao chão. Apenas um único verde, gerado pelo encontro da clorofila das folhas com a estreita faixa de luz solar que timidamente entrava pela janela, explicava o porquê de ela estar naquele lugar e naquela hora. Notada a nossa atenção, alguém nos comentou que a tal planta é constantemente deslocada, de forma a acompanhar as posições que aquela pequena faixa de sol percorre ao longo do dia. O esforço humano se justifica pela escassez de energia solar que adentra aquele espaço e pela necessidade de fornecer à planta as (poucas) condições que ela precisa para sobreviver naquele ambiente, sobrecarregado de sombras e – aparentemente - vitalidade limitadas. Ainda era necessário ir ao Ceconv, como havíamos planejado no início daquela tarde. Saímos do CRAS na procura por um pouco mais de sol.

Desfiles

Estávamos visitando uma moradora no beco, quando saimos e vimos a rua mais esvaziada. Ela olhou pro céu, e apontando para um helicóptero que rodeava a região disse que algo estava acontecendo e que era melhor irmos embora logo.

Fomos caminhando, paramos no Cecom e depois chegamos ao CRAS. As pessoas se assustaram ao saber que estávamos fora e nos disseram que dois policiais tinham sido baleados no Caminho da Capela e que era melhor irmos embora. Fomos. No dia seguinte durante uma visita ao Centro Cultural um dos trabalhadores se referiu ao episódio do dia anterior: “Você viu o desfile ontem?”, disse que nunca tinha visto tantos carros da polícia passarem por ali correndo daquele jeito,

“parecia um desfile”. Contou sobre a morte dos policiais, eles tinham entrado no beco sozinhos e tomaram dois tiros na cabeça, foram alvejados por trás. No dia seguinte, quando passei pela Avenida Nossa Senhora de Fátima, havia um desfile de carros da polícia. Lembrei da fala do dia anterior, nunca tinha visto tantos carros da polícia passando por lá. Ao final do comboio um carro de bombeiros com caixões. Entendo que o desfile agora é outro, deviam estar a caminho do Cemitério da Areia Branca. Diferentes desfiles pela mesma frota.

Na semana seguinte ouço, por moradores, que duas pessoas tinham morrido no final de semana no mesmo lugar que os policiais foram acertados. Saindo de uma festa no bairro foram alvejados por um carro com pessoas camufladas, com capuz preto e fortes armas, passaram atirando no mesmo local da discórdia e agora eram moradores que desfaleciam na rua. Esses moradores não terão desfiles. Penso no Ricardo da UNIFESP, não seria um caso parecido? Seres encapuzados atirando e tentando fazer “justiça” camuflados por roupas que não lembrem suas rotineiras fardas. Quem matou Ricardo? Quem matou os policiais do beco? Quem matou os moradores?

Arruaceiros

Arruaceiro é o nome dado a quem fica muito na rua, hoje éramos dois arruaceiros, esse era o programa do dia. Caminhamos por entre ruas desconhecidas, ora achávamos as placas, ora nos perdíamos de novo e pedíamos informações. Muito melhor ir sem mapa, deixar que os moradores nos levassem... “Aqui mora a Eliane?”, “Ah... é nesse outro beco?”, “Você sabe se a Patrícia tá em casa?”, “Esse é o caminho 31? Caminho, que caminho? O caminho... olha, tá aqui no endereço, caminho 31.. Ah, o beco? É, acho que é... Ah... o Beco 31 é aquele ali.

Foi através da rua e dos muitos arruaceiros que encontramos naquelas ruas que descobrimos que eles não chamam os becos de caminhos, como acontece no bairro Rádio Clube e no Bom Retiro, lá beco é beco, simples assim.

Vimos muitas crianças, pessoas dançando, homens traficando, caminhões descarregando cimento, sacos de lixo reciclável, cadeirante, anão, crianças de uniforme escolar, mães com bebês no colo, amigos compartilhando um sofá colocado na calçada, jogadores de sinuca, árvores, crianças correndo... tudo tão intenso, tão vivo. Era a rua dando as caras... ora de asfalto, ora de pedra, ora de madeira, o chão mudava de textura, o dia mudava de cor...

Turista

Andar no Rádio Clube como estagiário é andar observando, distraído e com sensação de novidade, mesclando olhares de turista, criança e arquiteto. Somos turistas na medida em que visitamos um lugar até então desconhecido, temos a ansiedade de saber de onde vêm as pessoas, como são possíveis aquelas habitações, o que se tem feito para conseguir permanecer ali ao longo dos anos, e gostaríamos de poder registrar em fotografias as cenas e momentos que nossos olhos captam em pedaços ínfimos de tempo. Somos crianças na medida em que nos inquietamos para perceber os esconderijos e as brechas, os lugares onde o que há de mais sério no nosso universo (a brincadeira e a imaginação) pode acontecer de modo livre, dando mais sentido e graça ao faz-de-conta para o qual voltamos grande parte da nossa energia. E somos arquitetos, na medida em que somos convocados a analisar e refletir, também, para poder propor, inventar e transpor ideias e projetos, de modo que eles saiam dos desenhos e plantas dos nossos desejos e das nossas conversas despretensiosas, ganhando existência concreta nas nossas ações.

Andar desprevenido é interessante, dada a imprevisibilidade das experiências. No entanto, alguns gestos e posturas devem ser cuidados, dado o território em que se implica. Numa de nossas visitas, procurávamos uma casa pelo endereço que o Psicólogo tinha anotado. Cuidamos de prestar atenção na numeração dos becos e dos barracos, portanto. Monica se perdeu na procura e perguntou como é que estávamos conseguindo identificar onde ficava cada casa. Jonas, em sua caminhada distraída, responde: "aqui as ruas têm um lado par e outro ímpar, igual em casa de gente de verdade".

Namorada

Na quinta-feira fomos ao CRAS e como o psicólogo estava ausente resolvemos acompanhar o grupo que está sendo conduzido por uma facilitadora. Nesse dia o assunto era sexo e ela trouxe uma imagem dos órgãos sexuais para explicar o nome de cada parte para os jovens. Era nítido o interesse deles pelo o assunto. Eles escreveram as dúvidas em alguns papéis que foram lidos pela facilitadora e as respostas tentaram ser as mais claras possíveis. Ela também ensinou as instruções corretas para utilização das camisinhas e mostrou dois livros que abordam o assunto de forma descontraída. Os livros pareceram despertar interesse dos jovens e a facilitadora os disponibilizou no acervo.

Sempre me surpreende a participação dos jovens nas atividades do CEJUV, mas ao mesmo tempo me incomoda muito o fato deles mexerem tanto no celular durante as atividades, pois acaba parecendo falta de interesse e até falta de respeito.

Aconteceu algo desagradável que já aconteceram outras duas vezes, mas dessa vez me incomodou mais talvez por estar irritada. Toda vez que chego ao grupo do PVJ alguém solta um comentário do tipo: “olha, a namorada de fulano chegou!” Eu sempre finjo que não ouço, até porque não tinha certeza se era comigo, mas como já aconteceu três vezes na minha presença eu tive certeza. O ruim é que não sei o que fazer, não sei se continuo fingindo que não é comigo ou se eu pergunto, mesmo que em tom de brincadeira. O fato é que isso está me incomodando e por mais simples e sem importância que pareça, eu não sei bem como lidar com isso.

GRANDES PALAVRAS

Lançar-se

A idealização preparação desse cinema seguido de debate com os jovens me foram muito caras desde o princípio. Devo dizer, no entanto, que a execução foi difícil e intensa. Escutamos, durante e depois do filme, uma série de comentários carregados de repulsa, nojo, raiva e ódio. Trata-se de escutar dos jovens com quem já temos algum vínculo construído, que, por exemplo, é preferível uma pessoa beijar um cachorro na boca, a beijar outra pessoa do mesmo sexo. Trata-se de escutar que gays são alienígenas, safados, desobedientes a leis supremas (leis de Deus), que são escrotos, nojentos...

A experiência nesse estágio nos coloca, desde sempre, lançados a encontros que nem sempre são agradáveis, e que, quase sempre, são potentes, por serem vividos com intensidade e implicação. Acredito muito sinceramente que estarmos implicados no que estamos vivendo é importantíssimo. No entanto, não posso me autorizar a não colocar em análise os dissabores vividos também em função dessa implicação que é não só acadêmica, mas também afetiva.

Participar dessa discussão sobre o filme foi, pessoalmente, pesado para mim, no sentido de dificultar que eu me colocasse "profissionalmente" na discussão desde o início. Considerando o ódio que os comentários sobre o assunto tinham, a intensidade que com eles apareciam na conversa, e a hegemonia desse tipo de discurso, por alguns motivos eu me

senti silenciada e angustiada, com a sensação de que estar naquela conversa não fazia sentido, com a sensação de que seria inútil me colocar também.

Foi difícil acompanhar a discussão, "coordenar" a atividade com os meus colegas, e viver essa experiência ao mesmo tempo. Preconceitos costumam me atropelar e me desorganizar, geralmente no sentido de me dar fôlego e ânimo para lutar contra eles. Nesse dia foi diferente, por razões que eu desconheço. Sendo assim, inicialmente, silenciei.

O discurso hegemônico do ódio e da repulsa às diferenças me preocupa e me desafia, ao mesmo tempo. Da mesma maneira, as instituições que aprisionam e trabalham constantemente em prol da manutenção de desigualdades, intolerâncias e sofrimento, são transversais à nossa existência, independente do papel que ocupemos em cada momento. No momento da atividade com os adolescentes eu era, de imediato, uma das estagiárias que coordenava a atividade. Estar implicada nesse encontro, e sendo atravessada por tantas quantas são as instituições que organizam nossa sociedade, no entanto, me convocava também a ser amiga de algumas das pessoas que estavam ali, a ser uma menina que não é daquele lugar, a ser alguém que também tem experiências e marcas de preconceito e estranhamento...

Reconheço que sou alguém que defende, sinceramente, a implicação afetiva dos sujeitos nas experiências em que se lançam. Entendo que essa implicação se faça imediatamente política e transformadora, na medida em que se apresenta cuidadosa e distraída, cautelosa e ousada. Tenho percebido e experienciado de modo encarnado os riscos e as frustrações com quem também sinalizamos alianças quando apostamos nos processos e nas forças que dele podem emergir. Em favor da minha própria sensação de bem-estar e necessidade de algum

contorno que empreste sentidos e força às minhas experiências, no entanto, devo reconhecer também que para a vivência dessa atividade, especificamente, eu ainda não tenho clareza se gostaria de ter estado assim tão implicada e lançada aos riscos dos encontros assim.

Bolo na garganta

Para mim seria uma tarde qualquer. Chego ao serviço me encontro com o preceptor e começamos a conversar, ele anuncia que nós teríamos um atendimento. Ele fala de uma história de uma criança que tinha sofrido um possível abuso, até o momento fui tomada por um certo prazer por ser uma história intrigante, algo delicado, algo difícil, complexo, essas coisas me atraiam loucamente, e geralmente em aula eu dizia que lidaria muito bem, essas histórias não me desestabilizavam tanto, essa história me fez rever minha fala, rever minha postura entre tantas coisas.

Peguei o papel e começo a ler o nome da criança envolvida: “ Meu Deus que loucura, eu conheço essa criança! Não é possível! E se ela vier o que devo fazer? Peço pra ela fazer desenhos? Converso? Brinco com ela e simulo que tudo está bem? Foram esses e tantos outros pensamentos que passavam na minha mente. Mas o preceptor chega como um tranquilizante, delimitando minha ação e barrando a minha euforia.

A leitura do nome da menina já me desestabilizou, pensei que sua mãe talvez não quisesse que estivesse na mesma sala ouvindo aquela história, mas algo me tomava e me atraia de um modo que eu queria estar naquela sala, passando por isso, um nível extremo, de perigo, eu quis estar lá! Queria

que a mãe quisesse que estivesse junto... no meio desse turbilhão de sentimentos e ideias, o preceptor sugere que já entre na sala e aguarde pela mãe da menina.

Lá estava eu sentada, aguardando cada passo, coração apertado, dedos entrelaçados, respiração lenta, a mãe dela e o preceptor chegam na sala.

Sua mãe começa a contar os detalhes do abuso, detalha os acontecimentos, como descobriu tudo; Pega o celular em suas mãos dá para o preceptor e pede para nós ouvirmos a voz da menina, que há duas semanas atrás estava brincando comigo, me ajudando a montar os enfeites da festa junina, ela parecia tão bem

Durante o atendimento começo a criar a imagem na minha cabeça e ao ouvir o dia a dia daquela mãe, o meu desejo era correr, sair daquela sala. De repente a sala foi ficando pequena, de repente eu já não conseguia mais falar, de repente eu me senti impotente, de repente eu só pensava na pequena, de repente a mãe dela pede vale transporte, de repente a mãe dela está falando em cesta básica e eu paralisada, respirando muito fundo para não chorar, de repente meu estômago não suporta aquela história, começo a sentir uma vontade intensa de vomitar, aparentemente meu corpo pedia para me livrar daquilo, ele estava me pedindo para sair daquela sala. Fizemos os devidos encaminhamentos e depois a mãe foi embora.

Deixei as lágrimas correrem, minha cabeça doía, latejava e enjoo continuava absurdo, eu precisava eliminar aquilo de alguma forma, mas não conseguia. Era uma mistura de sentimentos, afetos, pensamentos, não havia mais eu (“Rosa”), eu estava desintegrada, não conseguia firmar muito bem meus pés, parecia uma pessoa dopada, senti um forte arrependimento de ter ido no estágio, não queria estar ali, queria ir embora, tentar esquecer, mas sempre vinha o rosto da garotinha. O

período das 16:00 as 17:00 nunca demorou tanto a passar, os minutos nunca foram tão longos, tudo foi tão intenso, eu sentia um bolo na garganta!

Segui viagem de volta a São Paulo acreditando que a música alta poderia aliviar a tensão, mas não, o que me restou foi fechar os olhos e dormir , para só no dia seguinte registrar essa experiência tão visceral na minha vida e com certa fraqueza no corpo.

Abraço

Sou moradora da Zona Noroeste há mais de 20 anos, mas não estou conformada com o que está acontecendo pelas ruas da favela. Eu voltava de uma faxina às quatro da tarde e quando chegava perto do Caminho da Capela já escutava as balas e as sirenes da polícia. Meu coração já está muito triste pois já pensando que o pior tinha acontecido. Fui embora para minha casa e quando eu já estou chegando escuto: 'Ruth, corre que seu filho correu para a maré e ele não tem como sair pois tem três moleques baleados no Caminho da Capela'. Eu já saí correndo para lá com meu filho mais velho de 16 anos que estava em casa.

Chegando lá nós vimos uma cena de filme: bombas, balas de borracha e gás de efeito moral sendo jogados na população pois as duas mães dos meninos que foram baleados na maré queriam entrar e os policiais não deixavam. Eles gritavam 'muitas mães vão chorar!'. Todos estavam revoltados, quando o policial com o nome Testa falou que não vão dar mais boi. Os meninos que morreram chamavam PEDRO LUIZ, MATEUS e outro que não sei o nome, mas é conhecido como GALO. Todos se entregaram, mas o Sr. Testa não deu boi.

Pedro Luiz clamou por sua vida falando 'senhor, perdi, me leva, mas não me mata', foi quando ele foi executado na mesma hora. Com os outros foi a mesma coisa, pois não tiveram tempo de se defender. Eu queria saber onde estava o meu filho, então pedi para os policiais que estavam na porta do beco para eu entrar. Eles na mesma hora já me deram um empurrão e bateram com o revolver no meu peito. Foi quando eu passei a empurrar para poder entrar no beco, mas graças a Deus uma vizinha já tinha tirado meu filho da maré e ele já estava a caminho de casa. Ele falou que tem medo de empinar pipa de novo na Capela. Fora que no domingo eles invadiram a favela falando que vão matar mais gente, os mesmos que estavam trabalhando na sexta e o policial Testa, batendo em todos.

Na outra semana foi o enterro dos meninos e a polícia foi para o cemitério parando todos que estavam com as blusas dos meninos que morreram (Pedro Luiz, Mateus e Galo). O Sr. Testa falava para todos que eles eram vermes que vão morrer. O Sr. Testa subiu também no caminho São Sebastião para ofender os moradores, parou na rua chamando todos de vermes e batendo nos adolescentes que ele pegou sentados na rua, que retornavam do enterro.

“Este policial Testa tem que pagar pelo que ele fez. ”

Caminhadas Acolhedoras

Cheguei à praça cerca de 10 minutos antes do combinado. Ressalto que no caminho lembrei que a Samanta tinha comentado que ali na praça era um ponto de tráfico forte, e por isso passei no CRAS para pegar o colete, minha idéia não era ficar com ele, mas era usá-lo apenas para a identificação

num primeiro momento e depois tiraria. Quando cheguei caminhei pela praça, e de inicio pensei que ali não seria um bom lugar para o encontro, porque ela era muito grande e com muitas saídas pra muitas ruas, e talvez fosse difícil encontrar alguém que eu ainda não conhecia. Por sorte as quadras estavam vazias, e a praça estava pouco habitada.

Estava escolhendo um banco para sentar quando fui interpelada por um homem, “ow menina, você é da dengue?”, disse que não, que era da Assistência e olhei para o colete, para que ele identificasse de onde era, disse que ia encontrar com uma menina na praça, mas que ela ainda não tinha chegado. Ele então perguntou se a menina estava grávida, e disse que pelo que eu sabia ela não estava não, “é que vocês sempre falam com as grávidas”. Não entendi bem esse comentário, mas disse que aquela não era grávida. Acredito que ele tenha me confundido com agente comunitária (que usam coletes da mesma cor) e que geralmente fazem acompanhamento de grávidas nos territórios.

Enfim, sentei, procurei um banco que tivesse uma visão melhor da praça e sentei. Aí pensei que seria difícil reconhecer a Léia porque não sabia nenhuma característica dela, se era magra, gorda, loira, morena, ruiva, alta, baixa... a única informação que eu tinha era que ela usaria uma camiseta do Bob Esponja. E eis que surge na praça uma menina com uma camiseta do Bob Esponja!

Fui ao seu encontro, e ela logo foi em direção a mim, perguntei “Léia?”, e ela “Gina?”. Nos reconhecemos. Ela perguntou onde sentaríamos, sugeri o banco com mais sombra, mas disse que se ela quisesse outro lugar poderia ser também, ela topou. Sentamos no banco e expliquei que aquele encontro seria para conversarmos, seria um clima menos formal que dentro do CRAS, e que ela poderia se abrir e conversar sobre o

que quisesse. Ela disse que adorava conversar, e que seria bom pra ela.

Comecei falando que tinha ido à casa dela, e que tinha conversado com a mãe dela sobre a ida ao To Ligado. Ela disse que a mãe não queria que ela fosse sozinha, e que preferiu que ela conversasse comigo pelo bairro, por ser mais perto. Disse que se fosse da vontade dela (Léia) poderíamos ir juntas ao serviço no começo e depois que ela aprendesse e se sentisse segura ela poderia ir sozinha, e ela pareceu se interessar com isso.

Conversamos sobre a escola dela, ela estuda no Zulmira Campos, e tem 13 anos, vai fazer 14 no dia 15 de novembro. Perguntei se iria ter festa, mas ela disse que não, porque ela não queria fazer em casa porque a mãe dela é muito preocupada com limpeza e ia fazer ela ajudar a limpar tudo depois do aniversário. Mas disse que queria ganhar presentes dos amigos, uma corrente, livros. Disse que adora ler e escrever, e que escreve muito quando está triste, escreve textos, poesias, músicas.

Vi um esparadrapo em seu pulso e perguntei o que era. Ela olhou pra mim e ficou quieta. Entendi. Tinha pegado na ferida e talvez fosse cedo para isso ainda. Respeitei seu silencio, e disse que se ela não quisesse me falar tudo bem. Foi aí que ela falou, contou que tinha se cortado várias vezes e mostrou os dois pulsos. Vários arranhados de cortes superficiais, mas esse parecia mais fundo. Ela disse que a mãe dela tinha proibido ela de usar pulseira grande para esconder, porque ela usava, ou manga comprida, que não queria mostrar, mas a mãe dela disse que ela não poderia esconder. Então ela apenas colocou uma fita, que parecia um esparadrapo com a marca do corte e o sangue. Perguntei se ela tinha ido ao médico

ver, mas ela disse que não, que a mãe dela não iria com ela, que ela (mãe) não aceitava.

Conversamos sobre o grupo de amigos dela, com quem ela conta e com quem ela conversa. Suas duas melhores amigas não estudam com ela, Sara e Vitória, são amigas que embora distantes elas mantêm contato e saem para conversar e dar risada, mas disse que não falava de coisas mais sérias. Quanto aos amigos do Zulmira ela disse que ano passado não conhecia quase ninguém, mas que neste ano estava mais próxima dos colegas de turma e que eles já viram suas marcas no braço e que se preocupam com ela, mas que ela não consegue falar com eles sobre isso, porque ela ainda os considera como colegas, e não amigos, e que ninguém entende porque ela faz isso.

Perguntei então por que ela fazia isso, porque se cortava, e ela se abriu: contou que sentia uma tristeza, uma angústia muito forte e quando não aguentava mais, quando “tava muito estressada” ela se cortava “para aliviar a dor”, porque a dor física aliviava a dor sentimental. Disse que algumas pessoas falavam mal dela, e que ela era masoquista, mas ela dizia que não, que era diferente, essas pessoas se machucam pra sentir dor, e ela se machucava pra aliviar a dor. Perguntei se ela fazia isso sempre, e ela disse que sim, que fazia muito, que já tinha feito em outras partes do corpo (então levantou a barra do shorts e apontou para a lateral dos seios, abaixo da axila), quando vi as marcas da coxa me impressionei, eram muitos cortes, muitas marcas, e ela disse que fazia nesses lugares porque eram lugares escondidos e a mãe não veria. Ela disse que não queria mostrar pra ninguém, mas que queria fazer aquilo pra aliviar a dor dela.

Ela então contou sobre vários episódios, e contou que fazia tempo que não se machucava, depois que tinha tentado se

matar. Perguntei como foi isso, e ela contou: Ela relatou que trabalhava distribuindo panfletos, e que em uma tarde que ela já não aguentava mais ela tinha tomado essa decisão. Naquele dia a mãe dela estava com muita dor de ouvido, e os irmãos menores não paravam de bagunçar, ela brigou com eles para que eles ficassem quietos porque a mãe estava doente e eles não respeitaram. Ela então relata que ficou muito brava, e que foi muito forte, ela saiu pra trabalhar, pegou o dinheiro do trabalho e comprou remédios e uma seringa, então ela voltou pra casa, tomou banho, pegou um vidro de álcool 70 que tinha em sua casa e tentou misturar com outras coisas para injetar na veia, mas não conseguiu, a seringa quebrou.

Foi então quando ela foi ao "quebra" (perguntei aonde era, e ela disse que era o quebra-mar, o emissário). Disse que ali perto tinha parado em outra farmácia e comprou calmantes e também passou para comprar uma bebida alcoólica, misturou tudo e disse que "não deu certo", os comprimidos de calmante eram muito grandes, ela conseguiu tomar apenas 4, e vomitou. Ficou então chorando muito ali perto das pedras, e pensava em se jogar, mas fica pedindo a Deus que ajudasse ela, que aliviasse a dor. E ela sentia que Deus impedia ela de se jogar, ela queria ficar lá até escurecer, porque pensou que se ela se jogasse durante o dia então veriam e chamariam salva-vidas e ela não conseguiria morrer. Disse que muitas pessoas passaram por ela enquanto ela chorava desesperadamente e ninguém parava para falar com ela.

Depois que pediu a Deus, uma mulher veio falar com ela, chamava Paula, perguntou se ela estava bem, ela disse que não, e perguntou o que tinha acontecido, mas que se ela não quisesse falar ela entenderia, foi então que a Léia contou o que tinha acontecido e Paula ouviu e acolheu Léia. Paula disse que morava perto do Rádio Clube e que a levaria para casa, mas ela

tinha medo da reação da mãe e ligou para uma amiga, para ir pra casa dela. Ela foi pra casa da amiga, e foi acolhida por ela e pela mãe da amiga, que avisou Josefa de que Léia dormiria lá naquele dia. Léia diz que não conseguiu dormir, talvez por efeito dos remédios ela não conseguia descansar, ficou pálida e tremendo por muito tempo, levantou no dia seguinte e foi caminhar com a amiga e a mãe desta amiga no Horto. Esta mulher já havia falado com a família de Léia e sua tia foi encontrá-la no horto.

Ela levou Léia pra casa e disse que quando chegou em casa sua mãe estava jogada no chão chorando, perguntava porque havia feito aquilo, e ela a abraçou e pediu desculpas, disse que chorou também, mas então sua mãe ficou sem falar com ela, e daí alguns dias é que foram conversar e ela pode falar que ficava muito nervosa ao cuidar dos irmãos porque eles não paravam de bagunçar e irritavam muito ela.

Ela contou bastante sobre a tia, perguntei da relação delas que não parecia boa pela forma como ela falava (e fazia expressão de desgosto em sua cara) e Léia contou que tem muitas divergências com ela. Ela é religiosa, frequentadora da Assembleia de Deus, e disse que elas se davam bem antes, e que Léia até frequentava igreja quando queria, mas que ela decidiu não ir mais, e sua tia a julga. Julga pelas suas roupas, pelas músicas que gosta de ouvir (rock, Paramore, Fresno,...) e diz que a sobrinha é “skinhead”. Léia acha absurdo e dá risada, porque ela alega que nunca seria skinhead, porque não é preconceituosa, que não liga pra diferença de cor entre as pessoas e que ela é descendente de nordestinos (Sergipe), e skinheads são contra nordestinos. Ela reforça que odeia julgamentos, e as pessoas julgam muito ela, pela forma como se veste, pelos cortes que faz, pelas músicas.

Léia também contou que seus professores eram muito legais e uma das professoras até ia tentar pegar o autógrafo do Fresno pra ela. Contou também que eles se preocupam com ela, que perguntam se ela está bem. Disse que tem dificuldade em matemática, que consegue resolver os exercícios no começo, mas que depois “nas últimas linhas fica difícil”, e tentou me explicar que a dificuldade era isolar o x, que ela fazia de um jeito que entendia, mas a professora ensinava de outro e aí ficava complicado. Comentei que seria legal que ela encontrasse a forma dela se organizar no exercício para fazer de um jeito que ela entenda e não se perca.

Conversamos sobre as unhas coloridas que ela estava, eram muito bonitas e ela ficou feliz pelo elogio e disse que ela tinha feito. Perguntei em relação aos livros que gostava de ler, e ela me contou sobre o último que lera e que tinha adorado “A culpa é das estrelas”, comentei que minha amiga já tinha me contado desse livro e que também tinha gostado, e ela disse que gostava muito de ler e que pegava livros da biblioteca de sua escola.

Quanto aos seus escritos ela disse que ela não gosta que leiam, que é algo só pra ela, mas que ela não esconde em casa porque a mãe mexe nas coisas dela. Disse apenas que a mãe se preocupa e que busca suas marcas durante a noite, enquanto está dormindo, que aí a irmã mais nova vê as marcas e avisa a mãe. Por isso ela faz essas marcas em lugares que possa esconder de todos, para que só ela veja.

A conversa fluiu muito bem, me impressionei com a forma direta com que ela contou seus episódios de sofrimento, aparentava segurança na fala, contava como havia feito as coisas e porque, mas disse que ainda sentia esse sofrimento, e que não era feliz o tempo todo, que sempre tinha uma angústia,

mas que às vezes ela aumentava muito, e quando ficava muito forte, aí ela se machucava.

Ficamos conversando por cerca de uma hora e meia na praça, constantemente olhando nos olhos uma da outra, e trocando assuntos. A conversa foi muito interessante, e quando sugeri que fossemos embora para que ela não se atrasasse, ela relatou que tinha gostado muito do encontro e que poderíamos repetir mais vezes, que tinha sido muito bom conversar comigo, porque ela tinha falado muitas coisas que ela não falava pra ninguém, nem pra mãe. Combinamos de nos encontrar na próxima semana, e ela me pediu que eu ligasse quando estivesse mais perto para que lembrasse do dia, para não perder a hora. Combinamos de conversar mais sobre o “Tô Ligado” pra refletir se ela vai querer ir ao equipamento.

Ela também não conhece o Centro da Juventude e eu indiquei que lá aconteciam atividades interessantes, e expliquei o local das atividades, talvez num segundo encontro seja interessante caminharmos até lá para ela expandir redes possíveis no microterritório do bairro. Ela gostou desse formato de conversas em caminhadas, com um clima mais informal, e com essa intencionalidade mais acolhedora e de reflexão conjunta.

Nos atentamos com o horário porque Léia ainda ia almoçar e arrumar suas coisas para ir à escola. Voltamos juntas pelo caminho até a praça em frente à sua casa, e nos despedimos com o combinado de que faríamos mais encontros como aquele. Marcamos então para a quarta seguinte.

Quarta-feira, 9:50 lá estou eu esperando. O Sol estava insuportavelmente forte então decidi esperar na padaria. Quando foi 10:20 e não havia nem sinal da Léia, mandei mensagem no celular dela avisando que estava na padaria, caso ela não me encontrasse e perguntando se ela viria. Sem

resposta. Esperei até quase 11:50, ela não apareceu. Mandei mensagem dizendo que estava indo embora já que ela tinha faltado ao nosso encontro e que gostaria de conversar com ela sobre o To Ligado, para que ela pensasse sobre o assunto, se ela queria ir lá conhecer mesmo.

Na semana seguinte, fui até o CRAS e depois de conversar com o psicólogo, fui até a casa de Léia, tinha ido apenas uma vez e não lembrava exatamente do lugar, mas tinha o endereço e resolvi ir sozinha, passar por lá e ver se ela estava e se estavam todos bem.

Cheguei e a porta estava aberta, cumprimentei a mãe (Josefa) e perguntei se a Léia estava. Ela pediu pra eu entrar, entrei. A Léia estava saindo do banho, cumprimentei os outros filhos, Caique, Caio e Camila. O Caique estava machucado, tinha se cortado com a bicicleta e estava uma ferida muito feia na altura do calcanhar. Dei uma olhada e perguntei se aquilo era pus, Josefa contou que tinha limpado, e que a médica sugeriu que ela passasse arnica, então aquela cremosidade era da pomada. E deu para perceber que realmente estava doendo muito, porque ele estava quietinho deitado na cama (e eles são muito agitados, geralmente).

Léia saiu do banheiro e me cumprimentou, disse que já tinha reconhecido a minha voz só quando eu disse Oi na porta. Falei que queria saber como ela estava, porque não tinha tido nenhuma notícia dela, ela não tinha respondido as minhas mensagens. Ela se desculpou e disse que as mensagens não haviam chegado no dia, mas que estava bem. Reparei que ela estava com um novo piercing, mas ela falou para que eu falasse baixo porque a mãe dela não tinha reparado. O piercing era uma argola na boca.

Sugeri que fossemos caminhar um pouco e conversar, ela topou na hora, e Josefa falou para irmos enquanto ela

preparava o almoço e cuidava dos filhos. Enquanto Léia colocava uma roupa para sair, Josefa me servia um café. A casa é quarto, banheiro e cozinha. Fiquei conversando na cozinha com a mãe. Ela não acreditava que eu não queria açúcar para colocar no café, “não, obrigada, eu tomo sem.”, “Sem? Mas toma que nem homem é? ”. Dei risada, disse que tomava sem nada e degustei o café.

A casa dela é incrivelmente arrumada. Na bancada ficam os eletro-portáteis (sanduicheira, liquidificador), todos combinando. Copos vermelhos, que reparei como eram bonitos e ao falar nisso, Josefa me mostrou os outros armários em que tudo estava arrumado, e que tinham pratos e potes vermelhos. Tudo combinava. A casa estava muito limpa, e ela me falou que iam pintar as paredes (ela e a tia), e que ano que vem fariam um andar em cima, para ficar os quartos.

Léia ficou pronta e fomos caminhar, perguntei por onde ela queria ir, e ela disse “Ah, vamos indo... podemos ir até a praça do ônibus”, e assim fomos. Ela disse que já estava de férias e que tinha dormido muito naqueles dias. Perguntei sobre seus cortes, e ela disse que não os havia mais feito, que ela ainda sentia angústia, mas que não tinha se machucado, fiquei muito feliz ao ver seu braço lisinho, sem nenhuma marca de corte.

Perguntei sobre o piercing, ela disse que tinha feito na escola, uma colega a ajudou. Ela furou com alfinete e colocou a argola. Disse que achava que sua mãe não tinha reparado, ou se tinha reparado ela não falou nada, e disse que talvez ela só reprovaria se alguém falasse mal. Isso aconteceu uma vez com outro piercing, em que depois que a vizinha falou mal, a mãe reprovou o piercing dela.

Conversamos durante todo o caminho. Ela perguntou como era a faculdade de psicologia, contei um pouco sobre a

psicologia da UNIFESP. Ela disse que está pensando no que fazer, e que psicologia é uma opção. Mas que também pensa em fazer web design, e conversamos sobre como essa profissão é atual e que poucas pessoas na região dela sabem fazer.

Disse que talvez ano que vem a escola mudaria a sala, que provavelmente eles iriam para o período da manhã. Chegamos ao canal da Hugo Maia e vimos as gotas de água no canal, percebemos que tava garoando e decidimos voltar, ficar mais perto da casa da Léia. Fizemos o caminho de volta e quando estávamos perto da casa dela perguntei se ela queria voltar pra casa, mas ela sugeriu que sentássemos na pracinha. Eram 4 mesas de cimento com bancos, a pracinha estava vazia, sentamos.

Léia perguntou que tipo de música eu gostava, respondi e perguntei que tipo de música ela gostava. Ela me falou nome de cantores que não conhecia, e ao dizer que não conhecia ela logo ligou o celular e ouvimos as músicas. Reconheci uma das músicas. Ela gosta de Fresno, Miley C., e eletrônica. Ela disse que sempre está com o celular por perto, que troca muitas mensagens com os amigos, e que usa muito a internet. Fez, recentemente, um novo perfil do facebook, agora tem dois. Disse que os amigos falam que ela tem muitas fotos repetidas, e que ela deveria colocar mais fotos novas. Pergunto se ela gosta de tirar fotos, ela disse que adora, que sempre tira, e me mostrou algumas no seu celular.

Foi então que pensei em uma ideia nova para os nossos encontros: tirar fotos do bairro. Contei essa ideia para Léia, que logo demonstrou interesse. Disse que havia muitos lugares para tirar foto,e perguntou se deveria ser apenas lugares bonitos. Eu disse que não, poderíamos tirar foto de vários elementos do bairro, das casas, das ruas, das pessoas, dos enfeites. Ela topou e marcamos que no nosso próximo encontro tiraríamos as

fotos juntas, depois poderíamos escolher e montar um álbum do Rádio Clube.

As conversas iam e voltavam, era como se as palavras andassem. Caminhando por entre nossos passos, iam soltas, leves, ora davam meia volta e voltávamos a falar aquelas palavras, aqueles temas, nada cansativo, mas nos aproximavam, sabíamos mais um da outra. Trocávamos mais. Nossos corpos agora parados, sentados nos banquinhos da praça viam as palavras transpassar, caminhar por entre nosso encontro.

Numa dessas caminhadas, meu olho se distraiu com uma menina. Ela chegava brincando até a pracinha, e me chamou atenção ela ter Síndrome de Down, nunca tinha visto ninguém com Down na Zona Noroeste. Ela veio em direção a nós, sentou em nossa mesa e se apresentou “Oi, eu sou a Giovana, prazer! ”, e nos estendeu a mão para nos cumprimentar, nos apresentamos de forma recíproca. Achei que talvez aquela interrupção pudesse atrapalhar meu encontro com a Léia, mas fui surpreendida quando nosso encontro ficou ainda melhor.

Giovana perguntou o que fazíamos, do que gostávamos, das músicas, das maquiagens, dos desenhos. Deslocou nossas falas, e conversamos por horas. Ela quis brincar com o celular de Léia, que deixou prontamente. Também ouvimos muitas músicas no celular, de acordo com a sugestão da Giovana. A conversa fluiu tanto, que uma hora me peguei sentada, sendo “maquiada” pela Giovana, que passava os dedos em meu rosto fingindo estar com maquiagem nas pontas dos dedos, e ia dedilhando sombras, blush, batons... enquanto Léia fazia uma trança de raiz em meus cabelos.

Ficamos sentadas por muito tempo. Giovana esperava a perua da APAE, enquanto cumprimentava todos que passavam,

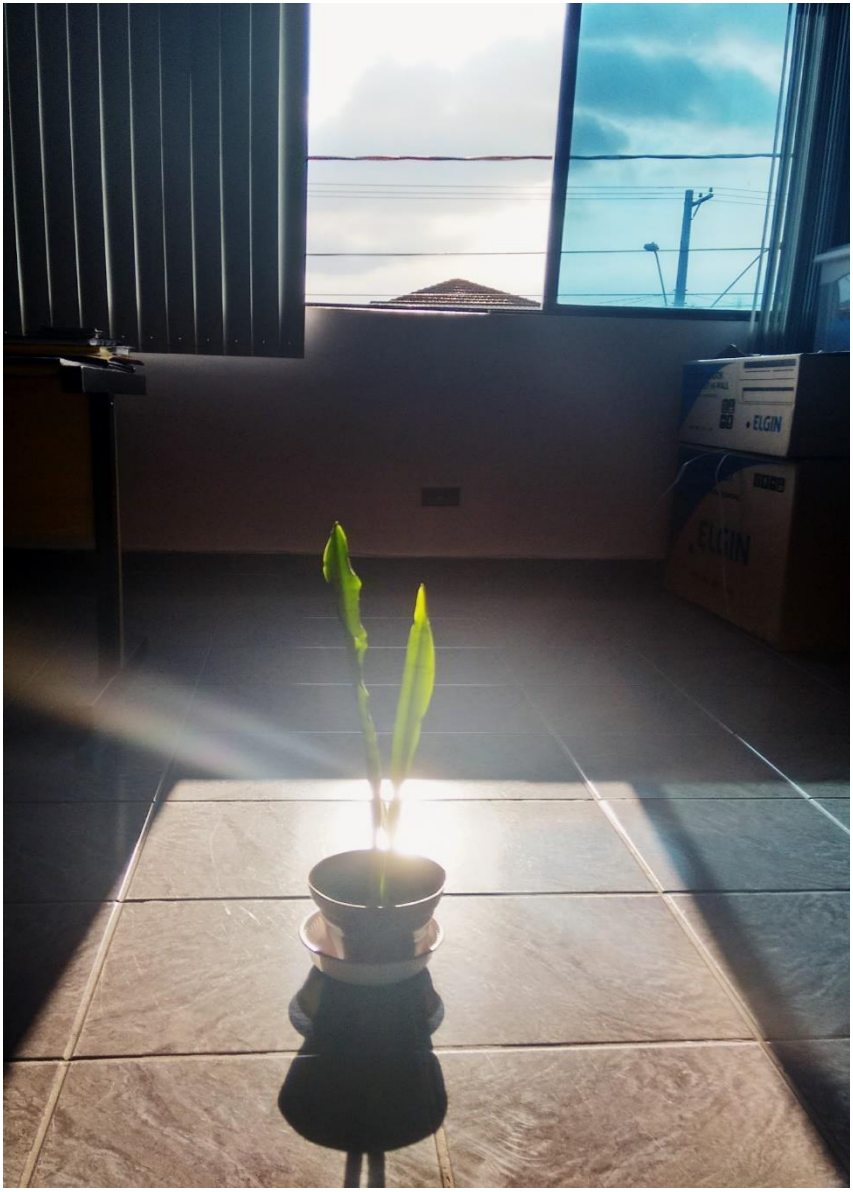
ela conhecia todo mundo. Conversava sobre todos os assuntos, e era muito independente, só depois de muito tempo é que percebi que a mãe dela estava perto, mas ela deixava a Giovana se virar sozinha.

Léia retomou a ideia das fotos e disse que seria legal tirar foto da casa que estava atrás da gente, que ela ficava muito enfeitada no Natal, e eu completei dizendo que também poderia ser legal tirar foto da praça que tinha as coisas penduradas na árvore. Combinamos que ou nos encontraríamos no final daquela semana, ou então em janeiro, quando eu voltasse do recesso da faculdade. Combinaríamos.

A hora do almoço já tinha passado e a fome foi apertando. Sugeri que fossemos embora, e que deixaria ela em casa. Nos despedimos de Giovana e seguimos para a casa de Léia. Ao deixar Léia em casa, Josefa nos recebeu na porta. Ela estava preparando o almoço e pediu para que eu ficasse para almoçar com eles, disse que aceitava o convite um outro dia, mas que naquele dia não poderia. Foi então que ela afirmou “mas um cafezinho você não vai recusar né”, e já foi colocando na xícara e me dando. E pela segunda vez no dia ela se impressionou que eu não colocava açúcar “mas é sem açúcar mesmo?”, “é sim, obrigada!”. Tomei enquanto elogiava a xícara vermelha que combinava com a garrafa térmica vermelha. Foi então que Josefa começou a abrir os armários e mostrar que tudo era vermelho e que combinavam, até os pratos! Nunca vi casa tão arrumada no Rádio Clube, tudo estava limpo e impecavelmente no lugar.

Agradeci a gentileza e disse que iria sair com Léia mais vezes, e que voltaria lá. Josefa terminou dizendo que da próxima vez eu teria que ficar pro almoço. Disse que combinaríamos, e gostei do convite. Sinto que foi sincero, e que eles queriam minha presença ali mesmo.

SEM PALAVRAS


ELGIN
ELGIN

Créditos

Não poderia tomar para si a confecção deste livreto. Credito a todos os estagiários cujas produções foram aqui apresentadas:

Amanda Giron Galindo, André Rodrigues, Aurélio Keiji Miyaura, Beatriz Maia Souza, Bianca Luna Meira, Isabel Lopes Keppler, Larissa Finocchiaro, Maurício Hideo Inamine, Caroline Ciardi, Mariana Carneiro, Mayara Lima Ferreira Silva, Pedro Luz Soares de Azevedo, Alessandra Mota, Caio Possati Campos, Natasha Brunhara Contrera, Lucas Delfin Ferreira Rodrigues, Lucio Costa Girotto, e tantos outros.

Obrigado.